



A QUESTÃO AMBIENTAL

Diferentes Abordagens

Sandra Baptista da Cunha
Antonio José Teixeira Guerra

ORGANIZADORES

B

BERTRAND BRASIL

CAPÍTULO I

SOCIEDADE E NATUREZA

*Júlia Adão Bernardes
Francisco Pontes de Miranda Ferreira*

I. INTRODUÇÃO

Neste início de século, em que o mundo vem passando por um importante processo de reorganização, a questão ambiental tenta resgatar sua essência frente às relações sociedade/natureza.

A compreensão tradicional das relações entre a sociedade e a natureza desenvolvidas até o século XIX, vinculadas ao processo de produção capitalista, considerava o homem e a natureza como pólos excludentes, tendo subjacente a concepção de uma natureza objeto, fonte ilimitada de recursos à disposição do homem.

Com base nessa concepção, desenvolveram-se práticas, por meio de um processo de industrialização, em que a acumulação se realizava por meio da exploração intensa dos recursos naturais, com efeitos perversos para a natureza e os homens.

Até então se acreditava que o crescimento econômico não tinha limites e que o desenvolvimento significava dominar a natureza e os homens. Entretanto, nos anos 60/70 percebeu-se que os recursos naturais são esgotáveis e que o crescimento sem limites começava a se revelar insustentável. Nesse contexto, emerge a necessidade de se elegerem novos valores e paradigmas capazes de romper com a dicotomia sociedade/natureza.

Deve-se observar que há muito a ser elucidado na discussão sobre a problemática ambiental. Avançar nas concepções das relações sociedade/

LiVA

natureza constitui tarefa difícil, mas necessária, uma vez que pode oferecer subsídios para propostas de análise. O capítulo trata do tema em nível do materialismo histórico e dialético, um dos métodos de grande possibilidade de aplicação no âmbito das ciências humanas.

Cabe ressaltar que a compreensão das relações sociedade/natureza e da questão ambiental passa também pelo conhecimento do processo de produção do espaço, já que a devastação do planeta pela técnica leva o homem a pensar na produção do espaço pela técnica.

2. NATUREZA E ESPAÇO

A dialética homem/natureza está na base do processo de desenvolvimento e transformação das sociedades humanas. Em sua obra *A Produção do Espaço* (1974), Lefebvre demonstra a necessidade de considerarmos o espaço como um dos aspectos fundamentais da "natureza segunda", consequência da prática social sobre a base material que constitui a "natureza primeira".

2.1. DIALÉTICA DA RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA

Na obra de Marx, as condições naturais são abordadas enquanto recursos para a vida humana, em seu envolvimento com os processos produtivos, e não em seu movimento intrínseco. Os fenômenos naturais são considerados como pressuposto geral de toda a produção (Moraes, 1994).

Marx considerou a produção como um processo pelo qual se altera a forma da natureza: pelo trabalho o homem modifica as formas das matérias naturais, de modo a satisfazer suas necessidades. Na compreensão da natureza enquanto matéria reelaborada pelo trabalho humano, o conceito de trabalho é fundamental.

"Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é uma das condições de existência do homem, independentemente de todas as formas sociais, e constitui uma necessidade natural eterna para

mediar o intercâmbio material entre homem e natureza e, portanto, a vida humana" (Marx, in Schmidt, 1976: 79).

O processo de trabalho para Schmidt (1976) é sempre um processo social. A mediação e o intercâmbio com a natureza não se referem simplesmente a um homem, mas a um membro de determinada sociedade, com determinadas relações sociais. Marx ironiza a situação especial de Robinson Crusoe. "O relacionamento do homem com seu ambiente é equacionado no bojo de relações sociais historicamente determinadas" (Moraes, 1994: 74). Portanto, na abordagem de Marx, as relações sociedade/natureza são enfocadas em termos das formas como determinada sociedade se organiza para o acesso e uso dos recursos naturais.

Ao atuar sobre a natureza, o trabalho produz não apenas uma simples mudança na forma da matéria, mas, também, um efeito simultâneo sobre o trabalhador. Na concepção marxista, a relação do homem com a natureza é sempre dialética: o homem enforma a natureza ao mesmo tempo em que esta o enforma. Com o conceito de intercâmbio orgânico, Marx introduz uma concepção nova da relação do homem com a natureza. O homem socialmente ativo

→ a natureza se transforma
por meio do trabalho e da
formação do espaço

"põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços e pernas, cabeça e mãos, para apropriar-se da substância natural em uma forma utilizável para sua própria vida. Na medida em que o homem, mediante esse movimento, atua sobre a sua natureza exterior a ele e a transforma, modifica ao mesmo tempo a sua própria natureza" (Marx, in Schmidt, 1976: 86).

Nesse processo de metabolismo, a natureza se humaniza e o homem se naturaliza, estando a forma historicamente determinada em cada situação. Nesse nível, a troca material é uma relação do valor de uso e, desse modo, a natureza entra em relação com os seres humanos. O fato de o homem viver da natureza tem um sentido biológico, mas, principalmente, social.

A apropriação da natureza pelo indivíduo está sempre inserida numa determinada forma social. Marx afirma que "todas as relações sociais estão mediadas por coisas naturais e vice-versa. São sempre relações dos homens

entre si e com a natureza” (Marx, *in* Schmidt, 1976: 77), significando que a natureza é uma categoria social e a sociedade uma categoria natural.

O que ocorre com os objetos elaborados já não se encontra na dimensão da natureza, mas na da história humana. “O que acontece com a mercadoria produzida, com a fábrica posta em funcionamento, com a moeda aberta, sucede no espaço e no tempo de uma vida histórica, é um acontecimento histórico” (Marcuse, 1998: 30). À medida que os homens incorporam suas forças à natureza trabalhada, esta adquire uma nova qualidade social enquanto valores de uso.

Os conteúdos dos fins humanos realizados por meio dos processos naturais dependem do nível alcançado pelas forças produtivas materiais e intelectuais. Em outras palavras, nas relações sociedade/natureza os homens são condicionados por um determinado nível de desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relação que lhes correspondem. O quadro sugere uma unidade geral da natureza com a sociedade, no qual as relações limitadas dos homens com a natureza expressam as relações limitadas entre os homens, e estas às do homem frente à natureza. Entretanto, as relações entre os homens estão permeadas de contradições. “Assim, a relação com a natureza acompanha o desenvolvimento das relações sociais e, na medida em que estas são contraditórias, também o é a relação com a natureza” (Smith, 1998: 85).

Na constituição da realidade total a natureza está mediada socialmente, assim como a sociedade está mediada naturalmente. O recíproco entrecruzamento de natureza e sociedade dentro do todo natural, o intercâmbio orgânico, sugere ser possível referir-se com propriedade a uma dialética da natureza.

2.2. PRODUÇÃO DE VALOR E ARTICULAÇÃO DO ESPAÇO

A produção de um excedente é a condição necessária para que ocorra a troca regular de valores de uso. Com a produção para intercâmbio, o objetivo imediato para a produção passa a ser o valor de troca. Para criar mercadoria é necessário não só produzir valor de uso, mas transferi-lo para outros por meio da troca. Entretanto, como acentua Marx (1985),